

França, José-Augusto (1922): *Natureza Morta* (1949)

É um romance de teor neorrealista e existencialista, situado na Angola colonial. A protagonista – a jovem professora Júlia – que aceita um casamento por procuração, experimenta um abalo emocional ao se familiarizar com o ambiente modorro a que se vê presa. Trata-se de uma denúncia da violência do colonialismo português e, simultaneamente, de uma penetração introspectiva que revela uma problemática universal: insatisfação, frustração e rebeldia feminina.

A vida começava cedo na fazenda e, na estação quente, que se prolongava ainda, também o calor irrompia logo ao alvorecer.

Só muito tarde Júlia conseguira adormecer, depois do seu segundo dia ali. Antes das sete horas, na claridade forte que se filtrava na janela e no calor que invadia o quarto, ficou meio acordada, com a cabeça muito pesada e, a pouco e pouco, na sonolência em que caiu, sentia-se transpirar, com um frio de suor a escorrer-lhe pelo pescoço.

Atirou o lençol para baixo e, semierguida num cotovelo, pegou num copo cheio de água gelada que tinha deixado sobre a banca de cabeceira. Mas a água estava morna e coberta de insectos que durante a noite tinham tombado e boiavam à superfície, numa teia de pontos minúsculos e esverdeados.

Júlia repôs o copo, com repugnância. Depois, sentou-se para cima, lentamente, como que perdida ainda num sonho. Com um lenço limpou as palmas das mãos que transpiravam e ficou a esfregá-las durante muito tempo.

A cabeça doía-lhe mais, agora, e deixou-se escorregar na cama para poder apoiá-la na almofada. Da roupa vinha um cheiro ácido a suor. No peito, a camisa tinha-se colado à pele, e tudo isso lhe dava uma sensação de asco, como se se estivesse a afogar, lentamente, numa água viscosa.

Era uma sensação apenas física, mas, assim encostada, com os olhos fechados, Júlia sentia-se caminhar por um mar parado, com uma consistência pastosa, que, a pouco e pouco, a engolia ...

O sol, que enchia o quarto, magoava-lhe os olhos e teve de se virar para o outro lado, onde a cama de casal se alargava, vazia e composta, com a almofada intacta.

A rapariga ficou então com os olhos abertos para a brancura do lençol. A perna direita tinha avançado pela cama e, de instinto, recolheu-a num movimento rápido.

Depois, virou-se de costas no seu lugar, com os olhos parados no tecto da divisão de rede metálica que fazia um compartimento dentro do quarto e protegia a cama dos mosquitos que, à noite, pousavam nos retículos apertados, atraídos pela luz do candeeiro. Só o miruí conseguia passar o obstáculo e, em volta da lâmpada, pelo naperon branco da mesa de cabeceira, uma vida minúscula agitava-se e morria, numa poeira de pontos quase invisíveis.

Aquele cubo de rede, com a sua porta e a sua armação de madeira, pareceu-lhe uma cela de prisão, fechada e silenciosa.

Fora, nas traseiras da casa, a lida doméstica tinha já começado e até aos seus ouvidos chegava uma série de ruídos estranhos, do quintal e da cozinha. Júlia ficou um momento a escutá-los. Depois silenciosamente, levantou-se e vestiu um robe ligeiro que apanhou das costas da cadeira, calçou uns sapatos de quarto e saiu da sua extravagante alcova. Foi direita à janela e, quando abriu a porta de rede, o sol envolveu-a toda, ardente já, no dia que há muito começara.

Em baixo, os criados viram-na e faziam curvaturas a cumprimentá-la, vagamente assustados primeiro e, depois, com risos que pareciam de criança, com os dentes a alvejar. Estavam lá também dois carregadores, que tinham vindo trazer a lenha, dois negros seminus, vestidos com uma saca de serapilheira, apertada em volta dos rins e que descia a bater-lhes nos tornozelos. Um criado dava-lhes ordens, com grandes gestos, aos berros, e eles obedeciam lentamente. Um deles discutiu, levantou os braços como que a protestar e o criado, na mesma língua que Júlia não compreendia, falou ameaçadoramente, apontou para a janela com ares de importância.

Júlia veio para dentro, ficou um instante ainda a olhar por cima do muro do quintal, para o telheiro da moenda que se erguia logo por detrás. Da oficina, ao lado, chegavam ruídos fortes de máquinas e dois negros passaram com um longo tubo de ferro às costas. Donde estava, ela podia ver a estrada avermelhada que se desenrolava até ao morro do Zarco e um camião que trepava pela subida, levando meia dúzia de serventes cobertos de serapilheiras, agarrados à cabina.

Depois, ouviu que batiam à porta do quarto. Aconchegou o robe e perguntou, mas só após um momento: - Quem é?

- Bom dia, senhora. É o Cebola, senhora. -Era o criado que vinha saber do mata-bicho.

- Tem ovos, senhora, e presunto. O cozinheiro fez tortilha ...

Júlia ficou hesitante. Aquelas comidas, em jejum, aterrorizavam-na. Não queria nada. Depois diria. O negro dobrou-se, baixou a cabeça e desapareceu.

A casa de banho era pegada com o quarto e ela meteu-se muito tempo debaixo do

chuveiro para se desfazer de todo aquele cheiro a transpiração que se lhe tinha colado ao corpo e lhe repugnava.

Tomou só uma chávena de café com torradas, na ponta da mesa da casa de jantar, e naquela sala enorme, com os móveis de pinho pintado e as cadeiras de verga, dispersas, com velhas almofadas de chita em cima, sentia-se um ar provisório de acampamento sem conforto.

O criado apareceu depois, com mais torradas, mas Júlia levantou-se e foi até ao quarto, sem saber bem o que havia de fazer, ao acaso dos seus passos inúteis.

(FRANÇA, José-Augusto. *Natureza Morta*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982, p. 45–47)

Atividades:

1. Descreva as sensações da protagonista depois da primeira noite passada na fazenda.
2. Interprete o motivo da rede metálica.